






PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

AGOSTO AZUL

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Inventario de Junho — 1 vol.
Cartas sem moral nenhuma — 1 vol.

PROXIMAMENTE:

Sabina Freire — comedia.

M. TEIXEIRA-GOMES



AGOSTO AZUL



LISBOA
Livraria Classica Editora de *A. M. Teixeira*
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20



1904



Porto — Imp. Portugueza — 1904

PARA O MEU QUERIDO AMIGO

HENRIQUE DE VASCONCELLOS



Portimão — Março.

A sua phantasia trabalhou em vão, isto é, transviada á verdade; eu estou perigosissimamente enfermo embora o não seja de paixões perversas. Mas o regresso a casa, o silencio do meu gabinete — n'este pacificador ambiente, quasi conventual, alguma vez já defumado a incenso e com escaninhos onde outros aromas predilectos se encellaram — trouxe-me quasi uma

esperança... Tanto basta a galvanisar-me na illusão d'uma vida nova! Fruir, parado, o mundo todo — a paysagem nas suas linhas e côres, sem perder movimento algum dos sêres perceptiveis que a animam — fruir sem exaltação, saboreadamente, — como nas serenas contemplações que adoçam as convalescenças demoradas — sem a angustia da anciedade juvenil nem os encruamentos da tristeza prevista pela experiencia, tal seria agora a minha aspiração ou o meu programma... Complexa e admiravel coisa, a vida, caro amigo, tão rica de

aspectos diversos e generosos que um só, por mais mesquinho que pareça, satisfaça á actividade exploradora de uma longa existencia! Para mim sempre haverá quinhão e, agora, á farta, que de pouquissimo me contento. Alguns aspectos ha então, que, embora producto exclusivo da actividade humana, parecem mesmo de molde a servir phases da alma analogas á minha, esses que circumscrevem tudo aos acanhados limites de uma vitrina, recheando-a de phantasticos bibelós chinezes — bibelós, não, bijus — abertos em crystal de rocha,

em lapis-lázuli, na malachita, em cornalina, em toda a casta de pedra dura que á primeira vista nada significam além da sua vã intenção ornamental, mas depois, olhados a preceito, com attenção ponderadora, com interesse, revelam nas fórmas e attitudes extravagantes toda a realidade instructiva — vivente — de uma fauna e de uma flora viridicas e irrefragaveis. São estes enigmas miudinhos que eu me proponho a decifrar, procurando attrahil-os ao meu campo de visão, espiando-os e espiolhando-os com pertinacia, perscrutando-os ou penetrando-os

sem paixão e sem soffrimento, placidamente, muito quieto sempre e poupando-me a qualquer esforço physico. Tudo se presta á meditação gostosa, ou que a memoria evoque, accesa pelo tentame de uma reproducção artistica, os anjos do Gozzoli, azues e doirados, as faces cheias, quasi esmaltadas, de maçãs maduras, ou que, buscando pelas illustrações inglezas esses retratinhos ovaes de heroes mortos na guerra ou desapparecidos n'algum naufragio, se estude a expressão composta que elles tomavam em frente da objectiva e se lhes descu-

bra assim algum presentimento do seu fim proximo e tragico; ou á descripção dos jardins de «Poulo Pinang», reedificar as augustas architecturas de outros jardins tropicaes onde a nossa melancholia se ampliou a ponto que de nós mesmos trouxemos uma lembrança mais patheti-ca... E como seria aprazivel, de vez em quando, dizer-lhe d'essas investigações o que ellas dessem, em phrase curta e so-bria, levemente embalsamada a fragrancia de tomilho e de funcho, que nada perdesse do seu genuino sabor algarvio! É certo que a toda a intelligen-

cia não falta sufficiente e digno thema para lhe estimular a actividade, nos exilios mais asperos ou nas mais dolorosas conjuncturas. Como é que isto aqui me não bastaria sendo as suggestões tantas e tão fortes?

Eu li ha pouco n'um dos escriptores parisienses — Paul Adam — que actualmente maior numero de sensações desfia o periodo seguinte: «A par do pavão, do cavallo, dos ephebos anglo-saxões, do oceano furioso arremessando-se aos alcantis da costa, dos fulvos explendores outonaes das florestas, das noi-

tes estellares de junho e de certas figuras femininas devemos ao galgo os nossos mais intensos regosijos de esthetica perfeita.» Ora de tudo isto e muito mais aqui ha; e não era ingratidão desprezar themas que em centros assim requintados contentariam intelligencias tão apuradas? A doença esclareceu-me o espirito e a verdadeira razão da minha arrebatada partida foi dar-me pressa em verificar se este mundo socegado, de puro goso, existia, e se era ainda tempo de o fruir. A nevrose conceder-me-ha treguas no serio retiro espiri-

tual que encetei sem auxilio de clausuras mysticas ou eremiterios pavorosos. Veja-me sentado e calmo ao fundo d'aquella extensa rua de parreiras, já todas reverdecidas em oiro transparente, por onde côa uma luz de aquario, quando nos moirões caiados se enredam as grinaldas de roseiras e pelos canteiros, que se debruçam para o mar mais azul do que o mar d'Amalfi, os rainunculos flexiveis e lascivos importunam com as suas caricias os lirios vermelhos, solitarios e hirtos. Urgia propôr aos meus nervos—promettendo-

lhes a paz de uma hora definitiva — a bonançosa expressão d'estas paysagens.

Lisboa que é cidade de «sitios» em competencia, até, com Napoles, não está arranjada para que se lhes goze facilmente o encanto. Acodem-me a miudo á lembrança visões do Tejo que são prodigiosas. Mas só á ideia de as verificar o espirito cança e se o intenta fazer as mais das vezes será inutilmente: tudo ali se vae encerrando. Porque em vez d'essas avenidas com as quaes se macaqueam as cidades do sertão europeu, Lisboa de-

via offerecer ao forasteiro — e ao indigena — o constante espectaculo do seu extraordinario panorama maritimo e abrir vias espaçosas pelas alturas, com parapeitos d'um lado e palacios do outro, correndo sobre os lombos do Castello, da Graça, da Senhora do Monte, da Penha de França. Construcções de um lado só e o outro lado livre, com a balaustrada de uma aerea galeria como sómente Lisboa estava no caso de possuir. O passeio á Penha de França, subindo da Sé, seria sem equivalente no mundo inteiro e chegadas ali

as carruagens evolucionariam dentro de um grande terraço ajardinado no qual a «Villa Nazionale» se casava ao «Pincio». Eu recordo a ultima tarde que fui á Penha de França. Era em agosto e a atmosphera ennevoada, mas de finissima cinza, não de perola transluzente, baralhava as linhas da larga paysagem. O rio mal se distinguia da terra pela agglomeração de bagos de arroz, de pedacitos de cal, onde se denunciavam a custo as povoações da beira-d'agua. A noroeste ondulavam com branduras de feltro as serra-

nias que rematam em Cintra a qual, orgulhosa e teimosa, sempre recortava o ceo com o seu caracteristico desenho, mais agudamente e miudamente dentado no castello. Um bafo, leve, de brisa joeirou a cinza tenue do sol que ao declinar jorrava oiro vermelho pelo boqueirão da barra. Toda a bacia do rio, feita um mar, se limpou, se alisou, se esmaltou de preciosas côres e n'ellas corriam as microscopicas velas brancas das faluas, tão numerosas, tantas, perseguindo-se, cruzando-se, roçando-se, quasi sopradas e cahidas aos molhos

e ás vezes tintas de sangue — pennas soltas da aza ferida de um cysne... Mas o poente encandeava; a luz obliqua trespassando a cidade envolvia-a n'uma onda de fogo e parecia levantal-a para o ceo, aguçando minaretes de cristal sobre collinas chammejantes, explodindo nas claraboias em resplendores de cinabre, despejando cascatas de pedrarias em conchas de movente madreperola...

Aqui, na minha terra, estas maravilhas estão mais á mão e, para que tudo se complete, até os meus patricios, olhados sem hostilidade, não desagra-

dam, se bem que sempre me pareça a mim que a melhor, a mais interessante, a mais prestavel e a mais bonita gente, não a posso eu vêr porque está presa de continuo na cadeia... Entre os fortes rapazes que á tarde voltam da pesca distinguem-se perfeitos exemplares greco-semitas, e enfeitadas e limpas, em dias de festa, não faltam caras mimosas de raparigas. Além d'isso — á mingua de galgos — os próceres locaes passeiam, tambem á solta, luzindo pompas de fundilhos novos nas calças muito sovadas. O mundo aqui

mesmo, n'esta reducção minuscula, é vasto e muito de subjectivo se lhe ajunta quando, verbi-gratia, a uma saborosa capella de «ovos reaes» lhe damos o nome de «cabellos de anjo» — se frescos são, finos e doirados — nome que encanta a creanças e a velhos. D'aqui recordo sem maior saudade a vida luxuosa das «Rivieras» dos grandes hoteis, onde os ascensores não cançam de levar ao ceo braçadas e braçadas de mulheres floridas, que atravessam depois os vastissimos salões ondulando como serpentes, com todos os escani-

nhos deliciosos dos seus corpos de gelatina — e, ó luxuria, ás vezes tambem de carne sã — pescoços, seios, cintas, braços, mãos, defendidos por fechos complicados — as joias maravilhosas em cuja invenção se compraz o engenho dos cavalheiros seus serventes, cavalheiros que já não são cosmopolitas, mas orbiculas...

Parece-me que acertei decidindo-me a repousar aqui; a minha doença é real, é certa e Vossê que tem piedade me desculpará se não receber tão cedo a «Colonia» que lhe pertence. Eu sei que lhe devo

esse conto porque embora em conversa já lh'o offereci e tão conscio estou da minha obrigação que já o escrevi até. Mas na primeira expressão sahiu um copioso livro que á segunda leitura ficará em cem linhas as quaes postas em linguagem, mais tarde, alevedarão até dar coisa approximada ao que eu posso dar — em volume e quilate — mas sempre muito áquem d'aquillo que eu lhe desejaria dedicar. Eu não sei escrever, não posso escrever. Ás vezes penso que isto me vem de plethora, da riqueza do meu pomar de imagens onde me

fico horas esquecidas, pasmado, sem me decidir por nenhuma, como creança que tem de escolher na cesta cheia de fructas, igualmente maduras e lindas, uma só. Mas não é assim, que nenhuma d'essas imagens me satizfaz e então eu desejaria banil-as da minha prosa como se fossem vis ouropeis. Escrevo, no emtanto, puxando os adjectivos ao seu logar proprio de modo que luzam e dêem brilho á ideia; mas uma ideia que brilha pelos adjectivos enfraquece na sua essencia e ahi estou eu a sonhar uma prosa decantada só

para dizer a ideia na sua seccura absoluta. Ora a ideia manifesta uma fórma de sentir, uma percepção do mundo externo que deve ser, como elle, omnimoda e então acode-me que o artista exclusivamente viril ou exclusivamente feminino, a quem falte o hermaphroditismo intellectual sufficiente para destrinçar as sensações e os sentimentos dos dois sexos e ainda idealisar o que seriam os sentimentos no estado androgyno integral, esse artista affirmar-se-ha sempre incompleto e quasi sempre banal. Com tanta pretenção não é possivel

dar — de carregado — um passo firme. Atiro com tudo isto a terra e quasi enraivecido dispo-me de todo o enfeite... Mas a nudez da alma repugna-me — repugna-me porque é sempre incompleta e falsa — e ahi estou eu á busca de folhas de videira para me cobrir... Mas basta de razões que eu bem vejo que Vossê me perdoou já se ainda não cumpri. Sendo isto assim normalmente o que succederia agora com os nervos todos rebentados?...

Sevilha — Abril.

Estava pouco menos de moribundo não ha muitos dias e hoje palmilho estas tortuosas ruas de Sevilha a passo estugado e afoito, esgrimindo juvenilmente a minha bengala de oliveira — symbolo da paz — ou, melhor, de zambujeiro — paz armada! É um parenthesis feito de alvoroço, de rejuvenescimento, de alacridade!... Eu bem sinto que a morte me não largou,

mas importa isso tão pouco á certeza de que para esta derradeira loucura a consegui açaimar! Fechado o parenthesis fallaremos... Agora trata-se de unir as forças que me restam para as gastar com a despreoccupação perdularia o enthusiasmo confiado e orgulhoso de um Hercules. É que a metamorphose toca as raias do prodigio: o vinho já me não cança nem me fatiga o sol! Vivo á mercê de certo olhar de saphira purissima que me transforma a terra toda em uma «grota azura»: a minha fonte de Juvença, a minha

agua lustral, o meu tonel de Malvasia...

—Aqui me tem até á Feira; depois é quasi certo seguir para Vienna d'Austria pelo itinerario sabido e moroso das cidades do Adriatico e dos castellos da Baviera... Novissima peregrinação «amori et dolori sacrum» de que receberá talvez miuda noticia...

Portimão—Julho.

Admittindo que a minha vida lhe desperta sincera curiosidade, como parece deduzir-se das suas affectuosas cartas e das referencias lisongeiras que publicamente me dispensa, vou dar-lhe conta d'estes meus ultimos mezes.

Por meados de março chegou-me aviso da vinda provavel a Sevilha de alguem que eu amara em

tempo. Mas paixão formal, d'essas que penetram a alma como na carne molle corta a faca ervada, deixando o organismo para sempre corrompido. Nem a ausencia, nem a impossibilidade certa — ou julgada assim — de mais encontros apagaram nos meus nervos a recordação do seu corpo. Mulher singular! Orgulhosa como a dhalia, foi-me surpreza ineffavel vel-a inclinar-se para mim um instante; era a consciencia d'esse mesmo orgulho que me frustrava a esperança de a ter outra vez rendida. Mas vi-a reapparecer na sua nudez es-

pumante, multiplicando-se por lascivas theorias de ondinas, remettida á creação mythica, em triumphos oceanicos sonhados a datas fixas e a sua lembrança cada vez me deixava um espinho mais agudo no coração. Eu déra aos olhos soffregos o regalo de a admirar pela derradeira vez em Inglaterra, mas de longe, no borborinho, no tumulto de uma d'essas faustuosissimas festas de millionarios, que um grande artista compozera e dirigira, ordenando, mandando, sem attender a despezas ou empeçar com difficuldades. Ella figurava

no quadro final, subindo a escadaria do Olympo, o pescoço, o seio, os braços, nus, e o resto das ondulosas fórmas nas prégas de velludo de um verde exhausto, endurecido por cordões de torçal de prata fosca e perolas prismaticas, subindo lentamente, sob o pallio de estrellas, na projecção globular de uma luz açafroada, de poente... Certo poeta comparou-a á moita de mangerona que reflorisse em lirios brancos —imagem respeitosa em paiz onde, no symbolismo, a mangerona corre parelhas com a açucena... Mas para mim ella

era, tal como a interpretara o compositor do quadro, a propositada e infallivel visão libertadora das almas castas cuja imaginação repellira até ali as affrontas da carne voluptuosa... Os meus nervos ainda vibravam na corrente de sensualidade que sacudira e galvanisara o publico d'essa noite de triumpho...

A noticia da sua vinda certa a Sevilha seguiu-se ao primeiro aviso com pouquissimos dias de intervallo — dias de ulceração, mais angustiosos na duvida sempre renascida do que passados a triturar um

desengano... Formara-se-me novamente a mulher attingivel na sua carne deliciosa, entre remoinhos de perfumes batidos pelas ondas de rendas das saias leves... Fui a Sevilha e mais do que nunca fiquei assombrado: como se compõe uma figura assim tão fulgurantemente bella e estranha? Se a citação do Botticelli não acarretasse hoje, por abandalhada, quebra de dignidade artistica, invocaria ainda aquella tão apregoada figura da «Primavera de Florença» para suggerir a impressão que esta mulher produzia. A mesma ele-

gancia no porte, o mesmo olhar marejado de luz, a mesma bocca cheia de riso e as mãos a espalharem flores... Mas afóra esta apparencia de sempre, como que adoptada pelo afinar de irrefragaveis analogias plasticas, essa creatura possuia no olhar, nos gestos, nas attitudes todo um infinito mundo seu — sómente seu — de embevecedores encantos...

Perdel-a, como eu a perdera, seria decerto uma pungente amargura de que a vida guarda o perduravel sello, mas perdel-a depois de a sup-

pôrmos absolutamente nossa, que mortal tribulação! Eu nem lhe provára a malvadez... Mas ainda oiço o clamor d'aquelle amigo meu que ella trahira e ludibriara, clamor de impotente vindicta, mostrando bem o preço em que a tivera: «Segural-a pelos cabellos e metter-lhe unhas de ferro por debaixo do queixo e assim como quem pella uma laranja arrancar-lhe as feições deixando-lhe a caveira ensanguentada á mostra...»

Assim como no olhar dos felinos a habitual indifferença se esmalta, ou, na

morna atonia habitual relampeja uma intensissima expressão de agudeza, assim algumas vezes lhe percebi nas pupilas a chamma accesa de um auto-de-fé infernal cuja crueldade me fizera estremecer... Mas eu correria de bom grado todos os riscos e a sua vinda a Hespanha até me parecia de absoluta urgencia artistica, sendo todo o meu empenho procurar-lhe, ali, scenario apropriado, o quer que fosse de phantasticamente sumptuoso, uma architectura em roldões aereos de figuras heraldicas, armando em arcos de cinco pontas,

sobrepostos, com pingentes de estalactites esmaltados e gemmados; uma architectura accommodada aos vestidos roçagantes de brocado de oiro, ás coiraças tauxiadas, e ás tapeçarias flavescentes; um «Palacio do Infantado» em summa, que todo correspondesse ás pompas do seu regio pateo e da sua doirada galeria de linhagens...

Mas Sevilha nunca me foi propicia e mais uma vez os preludios embellezadores de um incomparavel poema se volveram ali em prologo de tragedia horrorosa... Passámos uma semana sentimental de absoluto

encanto; passeavamos de noite, sósinhos, nas «Delicias» e embora á luz da mais cineraria das luas o seu rosto suave quasi se desbotava funestamente, e mau grado o sinistro fulgor que a miudo lhe accendia nas palpebras levemente tingidas a kol o olhar coruscante, eu gosava, confiado, a esperança de ver a breve trecho completa a minha ventura... E quem não sorriria de tão vãos presagios quando o unico obstaculo, o empeço desculpavel e attendivel, marido, amante ou o que fosse, pantafaçudo e accommodaticio, não sómente lhe dava li-

berdade plena mas promettia eclipsar-se discreta e totalmente? Projectamos um mez inteirinho de Veneza e todo o estio nas montanhas do Tyrol... Vae ouvindo o romance, não é verdade? pois subitamente eil-a ás portas da morte presa da febre typhoide que a deixou esphacelada e idiota. O homem pantafaçudo e accommodaticio — heroe de bondade inviolavel na constancia do seu culto — lá abalou uma noite no expresso de Madrid levando aquelle montão de carne tábida em que se tornara o corpo venusto a cuja lembrança eu

sinto que se me despega o coração e um ferro em braza me atravessa o diaphragma...

No cume d'esta crise depara-se-me uma franceza fabulosa... —não zombe, Sevilha inteira andava alvoroçada por sua causa e o poeta Corrêa de Oliveira meu confidente n'essa phase de excedentes amarguras, que tambem a contemplou, acaso a cantará um dia embora elegiacamente... Ainda acreditei na Providencia compadecida a delegar-me aquelle anjo consolador, caiado a pós de arroz com faces de manjar branco... Novas torturas foi quanto ella

me trouxe! Essa beldade que o povo saudava na rua com requebros eroticos e cuja apparição na praça de toiros era acclamada com delirio e que durante a Feira os elegantes, indigenas e forasteiros, perseguiam fascinados, invejando-me a gloria de a levar pelo braço; essa fonte de celestes amavios era exclusivamente saphica e saphica inapaziguavel...

Un angel venia
per darli alegria
se'n torna plorant...

recitara eu mentalmente ao nosso primeiro encontro: e era

eu quem conduzia o anjo aos bordeis, compassivo ao seu vicio, em busca de mulheres que lhe servissem...—

—Voltei a casa mais philosopho do que nunca. Estas novas lições da vida induziam-me a meditações expiatorias, exilando-me de toda a actualidade perceptivel; e porque urge nas minhas crises de desengano procurar algum refugio d'arte onde entretenha a imaginação, acolhi-me ao mysterio das cathedraes gothicas e outra vez retrocedi á admiração da edade média... É inverosimil como tudo isto

se mistura! Assim póde ser na realidade tanto mais que eu trouxera comigo uma febre capaz de cimentar os maximos desvarios. Estive algumas semanas de cama ingerindo inutilmente a riquissima collecção therapeutica dos antipyreticos. E mais ou menos febricitante louvava n'aquelle immenso esforço commum artistico, para levantar e enfeitar os seus inconfrontaveis monumentos—porque as cathedraes gothicas são os mais bellos padrões da gloria humana—a invenção de tanta maravilha, como os vitraes—tapeçarias translucidas—os sinos—

voz plangente, grave, amplissima, para dar rebate ás consciencias—e os orgãos—harmonias das tempestades trazidas aos templos e aprisionadas como Hymalaias em redomas de cristal.... E nas horas de delirio eu tambem levantava cathedraes em desenhos onde a' minha phantasia, por candidas subjuncções de fórmas subjectivadas, na ingenuidade do meu espirito infantilisado, aniquilava, attenuava, ou sublimava o conflicto de elementos incompativeis... E sahia em peregrinações, sobraçando os meus projectos, a solicitar principes e

republicas que lhes dessem applicação, mas sem insistir, mais do que tudo animado pelos mesmos sentimentos que nos agitam durante a mocidade e nos incitam a brilhar, só por brilhar, inutilmente, provocando a attenção n'um brilho de mau gosto, mas forte e violento e que incommoda os espectadores... Era mal recebido por principes e republicas, como bem imagina, e a febre não acabava...

Occorria-me então, e a miudo, a sua «Colonia» mas quando o pensamento forcejava

por fixar contornos, côres, conjunctos que se prendessem á realidade baldava-o invariavelmente uma visão quasi terrificante e sempre a mesma. Em vez do abrolhado florear aereo das composições gothicas rastejavam-me na imaginação series extensissimas de dokas vergastadas de chuva obliqua e cosidas em carvão, o solo todo arregoado ou descascado sob a rêde intricada dos carris de ferro, coando-se nas encruzilhadas por boqueirões de alpendres infinitos, á margem de mastreações cuja espessura de floresta parecia acoitar sombras

elephantinas, sacudindo trombas de fumo e fogo... Os urros das sereias com que os transatlanticos alarmam e sondam a cerração, soavam temerosamente, exasperando-se longe, muito longe, até ao uivo lamentoso...

Começo agora a entrevêr o porque d'estas substituições inconscientes e inevitaveis e emprehenderia explicar-lhas se o flagelo de calores a que o Algarve vae succumbindo me não delisse a vontade. É que é pavoroso e toda a inventiva se esvae na tarefa de lhe mitigar os horrores! Sonho a delicia de me sepultar, vivo,

dentro de uma amorangada melancia... Vale-me a presença do mar e só posso pensar no mar... Que grande castigo seria passar sem elle! Eu não vivo contente em sitio d'onde lhe não veja luzir o azul por entre as arvores... É um segundo ceo mais suggestivo por certo do que o outro. A gente do sertão não tem mais do que um ceo, e o mais pobresinho... A proximidade do mar é o unico lenitivo possivel á torreira do sol e a aragem que elle bafeja torna-se a benção do verão. Era dever meu, prete-

rindo tudo, celebrar condignamente o gosto de comer fructa dentro d'um bote, á sombra do toldo branco, no mar do Algarve e encarecer esse mar nos seus multiplices aspectos e nas risonhas scenas de que é o duradoiro theatro illuminado, mesmo quando feito ria, na calma dos estuarios monotonos. E nem para o grato tentamen me chega o animo!... Eu queria que Vossê visse hontem, do mirante do meu jardim, quando enchia a maré, um hiate que largava o panno, prompto a partir. Era um barco novo todo pin-

tado a verde-maçã com filetes brancos ao longo da amurada, acharoado de verniz fresco, leve, gentil, a arqueada curva do casco saltando na superficie polida da agua e o seu lindo nome «Cysne» gravado a oiro em cartela cinzenta — com um i grego para o fazer mais sinuoso — a mover-se quasi na volta da pôpa. Os rapazes que tomavam banho no dique e que se atiravam nus, em series de palhaços, da primeira ponte abaixo, trepavam-lhe pelo costado e outra vez em series de palhaços deitavam-se á agua da ponta do gurupés...

Mas o movimento que se concentra n'estas e n'outras scenas pittorescas mais aviva no quadro geral o seu caracter de immobilidade e preguiça onde se funde a minha propria indolencia e o meu infinito desejo de quietação... Pois é na estagnada calma d'este ambiente, no enervamento da natureza somnolenta, que os meus sentidos attingem o maximo de agudeza — como em certas phases da embriaguez — e mau grado a inercia dos dias candentes e das tardes abafadas, eu provoco as linhas a desinvoluções prodigiosas na harmo-

nia e na pureza do desenho, ao passo que a orchestração das côres se ordena lentamente no fundo repousado do meu cerebro por symphonias magnificas... E o quadro aqui é invariavelmente feito de elementos fluidos — ceos e aguas setineas espraiando-se por vagarosas curvas de elipses nunca fechadas — instillando nos nervos caricias de uma suavidade tal que tornam plausivel a conhecida aberração poetica: «Sitios ha no mundo tão cheios de encanto sensual que é possivel amal-os com o amor physico.» Na exageração do objectivismo

esquecemos a propria existencia e abdicando insensivelmente da necessaria individualidade casamo-nos ao mundo externo como um perfume regressa á flor... Eis aqui o encantamento que o estio, nas intercadencias dos seus tormentos, me póde suscitar ante as paysagens da minha terra e não era entoando hymnos de gratidão que eu iria turvar similhante beatitude, mas revivendo sensações de abandono, de frieldade e de nevoeiro?...

Portimão — Outubro.

Li com agudissimo prazer a sua ultima carta e compadeci a dôr das suas melancholias, attenuando-a na experiencia do lirico:

— . . . que não ha ninguem,
que possa soffrer um mal,
sem se alembrar de algum bem . . .

Ainda é do melhor que nos resta essa faculdade de forragear nas proprias magoas,

agora que a nossa mãe espiritual — para mim renegada — a França entendida, vae dançando rondas officiaes em volta da estatua do Paulo de Kock. Estercoraria gente! Mas tornando ao que me escreve. Reparo sobretudo no seu desalento litterario quando — e digo-lho convencidissimo — ninguem com mais fundamento do que o meu amigo póde pretender á expressão exacta dos sentimentos requintados e das impressões chromatisadas dos seus contemporaneos. E no que é propriamente a sua essencia de artista captivam-me as scin-

tillações de um espirito no qual tudo se refrange em côres ardentes ou se exhala em labaredas de volupia... Eu gosto das arestas e dos relevos da sua prosa: é viva. N'ella repouso da fadiga subsequente á leitura d'aquelles habilidosos que desossam a linguagem e a cosinham com tal arte que lhes sae o estylo em geleia. E depois vêem os manes do grande Vieira a coçar de enfiados as moleirinhas, tão catita é o boleio que julgam ter dado á prosa babada...

É bom ter escrupulos, mesmo quando ha engenho bas-

tante para, sem maior esforço envernisar velharias, insufflando-lhes de prompto manhas novas, — corrente processo artistico dos mais applaudidos — e é bom ter escrupulos especialmente para discriminar o que nos pertence e dizel-o seja como fôr... Mas comprehendo muito bem essa dolorosa incerteza em cerebro de ascendencia latina... Reflicta e console-se. Hoje é pretenção vã aspirar á plasticidade dos antigos — não que elles não escrevessem como queriam e entendiam e que não esteja averiguado que, verbi-gratia, nunca existiu o «latim

litterario» com o qual nos embahiram — mas a simplicidade das ideias junta á ingenuidade das imagens, facilitava a eurythmia dos periodos. A esta nossa existencia inquieta e á hyperesthesia que nos tortura e quasi nos divinisa nenhuma fórma arranjada quadra. A prosa desarticulada e doida, sem exclusão até dos exercicios claunescos de um Mark Twain!... De resto o estylo não é e talvez nunca fosse mais do que a tendencia constante para uma perfeição pessoal, a exclusiva maneira, rude ou elegante, de exprimir que satis-

faça o escriptor...; e quem nada tem que dizer tambem não tem estylo algum... Por isso eu nunca prégaria revoluções artisticas — tão conforme estou com todos os generos, ainda os mais contraditorios ou heterodoxos, quando me sensibilisem, como se diz no já ferrugento chavão — além de me parecer que prégar «esthetica» será prégar eterna e desesperançadamente em deserto inhospito...; mas o assumpto é encantador para intimas palestras! E muito á puridade lhe direi quanto se me afigura condemnavel que as regras po-

nham estorvo ao apreço de qualquer talento... Cuido até que um talento pouco litterario póde ser mais proveitoso á riqueza da lingua do que o mais ponderoso e versado humanista. Não faltam exemplos historicos de linguas empobrecidas por excesso de claridade e reseccadas á inclemencia dos preceitos infrangiveis, que necessitaram de muita «corrupção» para desferir na integra a gamma dos meios tons, onde a côr se conjuga ao sentimento, e, despegada a ideia da rigorosa propriedade dos termos, fermentaram em phrases

iriadas que, alargando a vida, suggerem sensações ineffaveis... Em geral a «corrupção» não vae além dos alisados rebocos, e severas escaiolas mercê das quaes os espiritos gregarios sequiosos da disciplina grata á panria academica, ousaram mascarar as fórmas liberrimas, ou tentaram empecer os movimentos do organismo activissimo que uma lingua viva constitue...

Mas o nosso paiz é excepção a todos os mais e bem podemos, caro amigo, abendiçoar a sorte que nos fez portuguezes... Sem litteratura de especie alguma, nem boa, nem

ruim, nem aberrativa, nem moral — singular caso de desaggregação onde gorgulham litteratos — é o campo sonhado para luzir todas as audacias; podem-se lançar á terra quaesquer sementes que a sua vegetação nunca tolherá o passo seja a quem fôr... O poeta contempla-se no gesto lindo de as espalhar e vem muitos annos depois encontral-as taes quaes as deixou e tão bem conservadas que, se quizer, as recolhe de novo para as levar comsigo á sepultura.... É um paiz onde anteriormente ao soneto do Baudelaire «Corresponden-

cias» o Castilho das maviosissimas prosas escrevia sem sobresalto para ninguem: «o A é brilhante e arrojado; o E tenue e incerto; o I subtil e triste; o O animoso e forte; o U carrancudo e turvo. Se ousassemos não temer o ridiculo compararíamos o tom do A á harpa; o do E ao machete; o do I ao pifaro; o do O á trompa; o do U ao zabumba.» Isto já corre mundo passa de meio seculo sem causar o minimo alvoroço; na população franceza de hoje ainda os versos do Rimbaud:

A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes.

produzem mais estragos do que os cães marfados... Como não exista entre nós o corpo compacto de uma litteratura mais ou menos autochtóne e consistente, excrementando officialmente para o publico, este succumbiu de inanição e já se pulverisou... Assim os nossos homens de letras, mesmo os matriculados e authenticados, vivem no isolamento astral, alumiando uns para os outros, sem mais intuito além de conseguir que lhes reconheçam titulos sufficien-

tes á gerencia da «Vernaculidade» e com mil filaterias judaicas insinuam, á mingua de provas artisticas, em criticas auto-biographicas, a supremacia dos seus respectivos talentos, — pulchritude nas boas contas, arminhos de folha corrida e preservativos de cathecismo — estiando-se nos louvores interesseiros de outros engenhos igualmente primazes... Para accentuar o cunho de tradicional luzitanismo apparecem ainda á antiga, quasi transparentes, forrados por sobrecasacas poidas, a palitar os dentes, não dos restos de saborosos acepipes, mas sómente

das musgosas vegetações que rompem no empedrado das calçadas por onde nada passa...

Quando o grande Camillo os almofaçava é que se podia vêr quanto elles valiam... Mas o grande Camillo tambem, e a miudo, se soccorria nada airosamente do pretexto da «Vernaculidade», já nas injustiças da louvaminha fructuosa ou complacente, já na crueza das flagellações acintosas... Fóra da «Vernaculidade» estarrecida no terror perpetuo dos barbarismos e dos solecismos e cada vez mais gelada mau grado as caricias dos simiescos

adoradores que ella emascula, a Vida entumesce e rola impetuosa, commovente, caudalosa, n'uma torrente inflammada de expressões coruscantes onde a lingua eternamente se retempera... Na torre da «Vernaculidade» as urnas onde se guarda o thesouro da lingua regorgitam de pedras falsas ou que, pelo menos, se despoliram e perderam o brilho como turquezas chloroticas e o que ha ainda a admirar na indigencia esthetica do nosso torrão é a obra de alguns raros espiritos que d'ella se evadiram ou a ella escaparam, como

o generoso esforço de quem evolucionou das juvenis truculencias liricas de um sublime romantismo, na «Morte de D. João», até á synthese leonardesca da «Canção perdida» ou esses trechos de prosa onde ao afflar da mais estonteadora phantasia a carne e o sangue do Fialho palpitam com toda a excellencia da sua luxuria... Eu desejaria que a «gente nova» indifferente á «Vernaculidade» deixasse os seus bonzos entorpecer em paz, pois lhe não compete curar da sua hygiene; convem-lhes fugir á sorte das pobres meninas

submissas que vão desgrenhadas e ainda estrovinhadas, matinalmente (ou noturnamente) aparar as unhas dos fetidos pés de seus grosseiros paes que já mercadejaram nos sertões africanos e graças ao engodo das riquezas nunca partilhadas as vão estiolando e tyrannisando com preceitos odiosos. . . . .

. . . .

A sua «Colonia», apoz vicissitudes varias, ás quaes no emtanto a litteratura foi de todo alheia, fixou-se tal qual aqui lha mando. Collaboraram n'ella talvez tambem um pouco as minhas febres de Sevilha e os

elementos de que me servi eram de tal modo heterogeneos que a amalgama indispensavel ao acabamento da obra d'arte não se produziu. Sahiu basta e pouco solida... Mas tocar-lhe outra vez seria correr o risco de a ter de refundir e não creio que o resultado compensasse a fadiga de arranjar moldes novos, visto não saber já por onde param os servidos... Preferi conservar-lhe a fórma barbara que adoptara primitivamente e ainda para mais lhe realçar a apparencia rugosa, o ondeado da feitura, cingi-lhe um ornato de sobrio,

nervoso e nitido desenho...
E não me pareceu desacerto
dar á experiencia o nome do
reagente: «Agosto Azul»...





COLONIA

I

Eu era novo então, forte, petulante, fulgurando a miudo em subitas exultações, na plena phase de heroe, orgulhoso, dominando a vida e gastando-a com fausto, perdulario sybarita que a sorvia, sorrindo, nas apparencias luxuriantes e a sugava até á essencia saborosa ou amarga...

Mas aprazia-me viver a minha vida e a meu modo, imperterritamente livre no vastissimo jardim sem barreiras da minha solidão e, se por entre multidões — ainda mesmo nos tumultos de carnaval, quando a alegria é publica —'encellado como um alchimista que decantasse idealisações.

Chegavam-me porém momentos mofinos, de sossobrar em captiveiros...

Foi assim que, na Belgica farta, farfalheira, emolliente, sempre avessa á expansão individualista, se me tolheram uma vez os impetos de visionario.

Degradado de paladino a peralta resvalara rapidamente pelas suaves ladeiras da «existencia doirada» ao aquario das elegancias e das modas, brioso nos frisados do bigode e encalamistrando tambem o espirito com desvelos que só iriam bem a cabelleiras postiças e de saca-rolhas...

E acceitava a lamentavel situação dando-me ares tão superiores na minha roda habitual de patetas envernisados e marafonas espaventosas, que tudo me parecia prova e pretexto a glorificar-me.

Ás «Beatitudes» do «Cesar

Frank» antepunha ceias de composição desusada ou exotica nos restaurantes caros; um nó de gravata era-me indicio de tragedias mais sanhudas ou apotheoses mais aureoladas do que mesmo aquellas que se transluzem nos pequenos bronzes do «Constantino Meunier»; e já me parecia que a tesoura de Monsieur Jacques, alfaiate diplomado para diplomatas, superava a penna substanciosa do subjectivo «Maeterlinck».

Mas reflectindo agora com indulgencia, ou ainda, ponderando os factos com rigor, descubro attenuante e formal aos meus

erros de então... É que eu — além da extrema mocidade que de per si só tudo explica — andava namorado, varridamente namorado da minha amante — flamenga exuberrima com muito sangue queimoso hespanhol nas veias — que era excellente na plastica e tinha os seios como cidras, embalsamando até, á imitação dos perfumados fructos. Nos meus labios havia sempre um relento d'essa fragrancia...

A minha amante, a minha Christina de genio mau, soltava os cabellos negros cujas madeixas se enfartavam sobre o meu

:ando-me com os seus
hos de um profundis-
. noturno prendia-me
e alma...
:ssão d'essas madeixas
carne continuava du-
ia a posse que o en-
da noite originara...;
quando se me facul-
:alculavel thesouro que
corpo!... A seu lado
ıe de novo conquistára
e sobre bandejas de
ço eram as madeixas
ıegros cabellos que os
ne offereciam de joe-
ssas madeixas desata-
lvura dos flacidos tra-

vesseiros de pennas, enroscavam-se e armavam ninhos de serpentes onde os meus braços nus mergulhavam arrepiando-se n'um terror de volupia mortal...

Os seus labios fundiam dulcissimamente ao calor da minha bocca... E para acalmar a febre que me consumia bastava chegar aos meus labios as suas mãos viçosas, os cachos de fructas côr de rosa que os braços — caules de neve — agitavam...

De todo o thesouro a joia principal era um lunar castanho por cima do seio esquerdo, brilhando na pelle lisa, ao arfar do peito ou ao pulsar do cora-

ção, com reflexos de seixosinho immerso em agua corrente cristalina...

De uma cultura intellectual menos de mediocre mostrava-se eximia em qualquer variedade de sport: esgrimidora respeitavel, audacissima na bicycleta, ferocissima ao piano...; mas sereia nas attitudes, sempre...

Ambulante jogo de eurhythmias a que só faltava a consciencia exacta da seducção que espargia para ser completamente rainha...

Era para não perder aquelle thesouro que eu me atascara nas exclusivas preoccupações da moda

e lhe tolerava, á minha preciosa Christina, o espectaculo amiudado e custoso da sua gula, vendo-lhe sem asco os beiços rubros e grossos a luzir com a gordura das aves recheadas que avidamente tasquinhava e, por fim, tão callejado já que nem tampouco estremecia ao cascalhar das suas frequentes gargalhadas, forçosamente intempestivas...

Mas como o tempo nunca passa debalde comecei a cahir em mim ao cabo d'alguns mezes e o sorriso parado e enfastiado—o sorriso de dandy—que adoptara a principio com requin-

tada affectação para compôr a physionomia e segurar o monoculo, tornou-se expressão verdadeira do estado da minha alma.

Em tal conjunctura recebi, com jubilo, de amigos meus de Paris, convite para irmos juntos a Ruão assistir á primeira recita que em scena franceza se deu do «Lohingrino».

Habitando ao norte da França era-me o Wagner já quasi familiar, mas o Wagner romantico no scenario gothico de Ruão, escutado na communhão esthetica de almas pares e por igual abrazadas em arte pura, cortava deliciosamente o maras-

mo da minha vida crassa que os proprios requintes faziam mais saburrosa... Além d'isso fugia ás enervantes carcachadas, ascendentes e descendentes, da minha Christina...

Telegraphei acceitando e recusei com inesperada firmeza a companhia da minha amante, a qual se vingou classicamente n'um desatino de faniquitos ininterrompidos até á hora da separação.

Não vem para aqui descrever a figura e o genio — o talento — dos tres artistas que foram meus companheiros de romagem, mas seria imperdoavel

perder o ensejo de lhes tocar levemente as linhas essenciaes.

O pintor sabe fixar materialmente a parte que, na vida objectiva, pela sua fulgente instabilidade melhor a reveste de illusão poetica: as quasi inapreciaveis modulações do crepusculo, — nas syncopes da luz ou quando a luz se annuncia pullulante ao primeiro grito da manhã — tudo quanto, emfim, transparece de mais fugaz, mimoso e vario nos movimentos da natureza... Mas elle dilue as linhas em chromatisações finissimas sem que por isso os corpos se immaterialisem ou a vida

pare. A illusão sentimental que apenas dura momentos, furtando-se aos nossos mal depùrados sentidos, elle a colgou para sempre em pedaços de grosseira tela... Os seus quadros são o commentario sagaz, a revelação perfeita do lirismo que toda a realidade encerra...

O musico, habilissimo na sua arte, compositor arguto mas interprete extremoso e admirativo por temperamento, tudo sacrifica á mais ephemera das expressões divinas: o canto. Nenhuma outra voz tão insinuante como a sua me penetrou e embalsamou até agora a alma! A sua voz:

instrumento sobrenatural cujo poder arrebanha os ouvintes e lhes aniquila a vontade, impondo-lhes a alegria, o riso, a dôr, os soluços, melhor do que um medium de hypnoses gregarias... Na intimidade e á sympathica vibração unisona de uns quantos espiritos comprehensivos, essa voz flue e floresce em arrebatamentos de um lirismo todo em lirios altissimos, vergando ao sopro de tufões d'aromas... O canto, a voz! magia evocatriz de dissolventes curvas perfumadas!...

O esculptor vivia á similhança dos mysticos na excellencia

da contemplação, fecundando a alma de tragicas suggestões pungentes, apoleando-a por maceração na amargura para a esquadrinhar com mais proveito e manifestal-a depois nas fórmas exageradas e admiraveis que engendra. Casto—em Paris e quando as mais formosas e intelligentes e ricas e prestigiosas mulheres tentavam com ardis demoniacos fruir-lhe a mocidade—trabalhando sem repouso cinco annos a fio, voluntariamente sequestrado de quantos deleites o publico encarece, edificou a obra-prima—á qual o sumptuoso cortejo de estudos estellares deu

redobrado fulgor—o grupo que o Rodin invejou para a sua obra, «a materia avassalando o espirito», valorosa concentração de uma força illimitavel e incotejavel que não topa catastrophe sufficiente para lhe ser traducção lidima...

Frank Holman, Charles Holman-Black, George Barnard, que tres profundos espelhos da vida, tão curiosos, para estudar! E tão diversos; iguaes só na ternura affectiva e n'essa perfurante agudeza d'intuição—a garra da arte—que se exacerba á indescriptivel anciedade de levar a todos os mysterios a luz que

os desvenda e os resuma em belleza humanisada e palpavel...

Pelas reminiscencias—deliciosas para mim só — sempre devaneadoras e desproporcionadas, que apenas abraçam os phantasmas da minha realidade, não lograriam por certo as suas imagens tomar relevo bastante.

E no emtanto commodamente as reproduziria eu; modelando-as com todo o vigor a que teriam jus, se houvesse guardado quaesquer flagrantes extractos do que as suas intelligencias discorriam na liberdade da nossa união perfeita, n'um periodo largo de inspecções a palacios, a museus,

Exultei; mas tão sinceramente que ainda agora para o dizer ou lembrar, se me acode qualquer ironia mesmo benigna ou anodina a tenho por injuriosa e mortificante.

Figurou-se-me a existencia frustrada até ali só porque não estudara, nem visitara, nem sequer pisara uma vez essa Allemanha que descobrira, a verdadeira Germania das pujantes epopêas: o Titurel, o Lohingrino, o Parcifal!

E com que força não conclamavamos nós os quatro, estes nomes sonoros, na escuridão da noite, á janella do nosso wa-

gão, na volta a Paris, estendendo as palmas das mãos ardentes aos flocos de neve impolluta que envolviam o comboio em cerrados enxames de silenciosas abelhas brancas...

O regresso a Anvers foi doloroso e de uma particularissima melancholia á qual a presença da minha amante nenhum linitivo era. Antes a exasperava...

Fizera-se-me outra, a minha grande Christina, mas absolutamente outra. O resto d'esse inapaziguavel desejo que a lembrança do seu corpo me inspirava desfizera-se ao sopro das

mysticas espiritualidades que me empapavam a alma e a minha febre de idealidade não se compadecia com a planturosa, a golutona, a risonha, a grosseira, a material — a gostosa! — Christina que ella realmente era...

Apagado o meu desejo desenfeitou-se por completo e foi tal o desastre que logo á primeira entrevista, se lhe sondava o pensamento, perscrutando atravez dos seus olhos de um tão profundo azul noturno, era na esperança de que a minha imagem lhe houvesse largado o coração... Temia-me de a encontrar ali como de vêr o meu

retrato em logar conspicuo da sala de um bordel...

A roda composta pelos meus habituaes companheiros fechava-me o horisonte a qualquer perspectiva espiritualista: eram na maior parte elegantes e plethoricos officiaes de cavallaria, orgulhosos da sua prosapia comprovada por mil pergaminhos lindamente illuminados e fóra d'ahi indolentes para o que não fossem bailes, cavalhadas, champanhe e meretrizes...

Alguns — e não dos melhores — esperavam-me para jantar e, como de costume, de conserva com nossas respectivas

damas levámos a noite inteirinha pelos bars que inçam Anvers de meninas estimulantes, industriosas e compassivas, na visinhança da gare. Os mesmos ditos ensossos, a mesma expressão dissaborida nos rostos vinosos, a mesma cerveja remá de sempre, os mesmos silencios de urubus repletos rompendo-se a largos intervallos no fracasso das risadas automaticas, repenicadas sem convicção nem opportunidade...

A noite foi portanto plumbea para os meus nervos, e cheia de abstracções e alheia-

mentos que irritaram soberanamente a minha Christina.

O nevoeiro pesava-me, doía-me, quasi me soldava os pulmões; sentia a alcateia dos trinta e um dias gelidos d'aquelle mez de dezembro que principiava, a perseguir-me, com os seus colmilhos de neve tocando-me já na carne, e, mais penosa ainda do que qualquer outra sensação atormentava-me a penetrante nostalgia das altas paysagens alpestres — eu que tivera sempre as montanhas na conta de insoffriveis carceres! — ao contraste da terra chatissima que

me cercava, a infindavel planicie das Flandres, sem panorama e onde nunca se avista o mar, mesmo quando o mar esteja ali logo ao pé...

De entre as pouquissimas palavras trocadas a imaginação esporiou-se-me n'esta conversa ridicula:

—«E Ruão, que tal?...»— inquiriu um amigo.

—«Gothico...»

—«Tudo gothico então...; tal qual Anvers! A Belgica toda: gothico; toda a Inglaterra: gothico; Colonia: gothico...»

—«Colonia?... já viste?...»

—«Eu!... decerto... Assombrosa, a cathedral, meu caro...»

—«A cathedral?... nada!... assombrosa, pasmosa, inverosimil, a gare que lá estão construindo; isso sim, meu caro, isso é que é sem rival no mundo!... Em comparação a cathedral pouco vale...»—atalhou outro amigo.

—«A cathedral de Colonia do João Maria Farina?...»—rematou ESPIRITUOSAMENTE a minha amante.

Passava já da meia noite quando deixámos o ultimo bar onde foramos em busca da «bella Liska»—a Hungara—

que ficara de cear comnosco. Ali perto e junto á gare observei que me parára o relogio e entrei para o acertar.

Havia dentro o borborinho, o quasi tumulto, a especial agitação que precede a chegada dos grandes expressos...

—«É o expresso de Colonia que vae entrar á gare...» —explicou-me um empregado.

Colonia!... Corri ao bilheteiro.

—«Uma primeira para Colonia...»

A minha Christina, que me seguira machinalmente, ao inteirar-se do caso gritou:

—«Estás doido?... Então nem me levas?...»

—«Não, adeûs, ámanhã volto, adeus!...»—e já transpunha a porta para o caes, que o revisor lhe vedava por falta de bilhete.

Voltei-me um instante para gosar o espectaculo da sua expressão de impotente arrelia e apressei-me direito ao comboio cuja partida os pregoeiros annunciavam.

Ouviu-se o derradeiro badalar liturgico da sineta e um silvo agudissimo a que responderam outros mais gastos e longinquos. Em seguida—

por fortuna sósinho no meu compartimento — e logo aos primeiros movimentos das carruagens, percebi que adormecia com a sensação de quem mergulha em banho perfumado, no preludio ás mais complicadas e arrebatadoras variações amorosas...

elle, soltando um profundo suspiro, fechou o livrinho sapudo e erguendo para mim, sem me fixar, os olhos mais entenebrecidos, onde a luz parecia apagar-se gradualmente, recomeçou:

—«E o que sabe Vossê, Schwartenhals, ácerca da humanidade oceanica? Não toparia Vossê, por acaso, durante as suas infinitas peregrinações, com algum peixe-homem?... O homem oceanico é para mim a questão capital, actual, exclusiva... E parece-me, caro Schwartenhals, que o ponto, de tão subida estimação, nun-

ca foi versado com a proficiencia que o nosso veneravel Johannes Praetorius mostra n'este seu precioso livro o «Anthropodemus plutonico». Os irmãos Grimm a tal respeito só colligiram baboseiras, e com que penuria de imaginação as commentaram!... Fôra o nosso honrado e escrupuloso Praetorius mais conhecido que certamente os industriosos manos não lograriam ser publicamente louvados pelo meu respeitavel amigo Herder...»

—«O Herder! pois conhece o Herder?...»—atalhei com vivacidade.

—«O Herder?... quem diabo não conhece o conselheiro Herder! Sim, tambem o conheci e tratei... mas n'outro tempo... E julga Vossê, Schwartenhals, que o conspicuo Herder recolhesse algumas particularidades dignas de interesse sobre o homem oceanico?...»

—«Não!... É que eu levo-lhe uma carta de recommendação...»

—«Uma carta para o Herder? Sem indiscreção, Schwartenhals amigo, poderia saber-se quem perpetrou a farça de o recommendar ao estuporado Herder?...»

—«O grande Lessing, meu querido senhor!...»

—«Lessing, Herder!... singular collecção de fosseis... Vossê occupa-se agora de paleontologia, sabio Schwartenhals?...»

—«Mas afinal quem é Vossê?...»—retorqui-lhe eu já estomagado com tanta ironia e desacato.

—«Pois tu não me reconheces ingrato bargante, alma de cantaro, a mim que te servi de pae!...»

—«Sois o glorioso Brentano?...»

—«Não, apenas o miserrimo

e insignificante Achim d'Arnim que tambem vae a caminho de Weimar offerecer ao divino Goëthe os personagèns da sua «Izabel do Egypto»... Chegaram ha tres dias de Nuremberg e Vossê vae vêl-os, brioso Schwartenhals...»

Sentámo-nos sobre o tapete de boninas e margaritas que cobria o talude da estrada, á sombra de uma enormissima ameixeira saragoçana, copada em cupula oriental de onde pendiam os lustres de flores e fructas aromaticas, e logo o meu estranho companheiro exhumou das fundissimas algi-

beiras a reducção perfeita do gelido cadaver que fugira da sepultura para correr mundo e ganhar dinheiro, a tremer o queixo, a tremer todo como em crise de maleitas, mau grado as bastissimas dobras da grossa pelle de urso branco que o envolvia. Depois, a velha cigana resequida, pergaminhosa, de epiderme reticulada, os cabellos negros, mais duros do que as crinas de muar, entrançados em fórma de corôa real, deixando transparecer por vastas clareiras o coiro amarellecido e escamoso, toda ella resplendente no seu

vestido de sumptuosa lhama de oiro recamada de perolas e esmeraldas, onde aguçava as unhas sujas como quem tira arpejos da viola. Appareceu em seguida o symbolo da formosura, a donzella de impeccavel belleza — estrellas nos olhos e a bocca rubra de riso — com a palavra «verdade» lavrada, em guisa de frontal, no alto da testa eburnea e mal encoberta pelos cabellos vermelhos; e era muito para admirar a arte com que, tocada ou roçada aquella palavra, a tez da menina esmorecia e á medida que mais se

esfregava maior transformação soffria o seu corpo, inteiriçando-se na pelle a mais e mais terrosa, até que apagada completamente a palavra o corpo se tornava em fria argila insensivel...; mas logo, bafejada, accendia-se-lhe a palavra magica e com ella a vida, a côr rosada nas faces de açucena, o sorriso e todos os amavios...

Vieram depois os seus chimericos monstros, creados na raiz das mandragoras, larvosos, hediondos, torpes, rabados, colericos, mettidos em uniformes pedrados de oiro e aljofar; e

chamando-me particularmente a attenção para um d'elles — aquelle que mais abundante parecia em carnes fingidas, belfo, de barba rosquilha até, e no alto da carapinha ratinada a sua barretina verde com arrogante pluma preta — observou:

— «Aqui onde o vê foi este marechal talhado em raiz trazida dos campos da Samaria por um religioso portuguez, Frey Pantaleão de Aveiro; para o arrancar á terra tornou-se necessario prendel-o ao pescoço de um mastim raivoso...»

—«Frey Pantaleão de Aveiro! Senhor Arnim, quem foi que lhe impingiu tal patranha!...»

Mas o meu companheiro já me não escutava, subitamente absorto e preso de funda atonia... Pouco lhe durou o pasmo e baralhando a bonecada bradou em tom acerbo, que mal quadrava ao seu aspecto benigno:

—«Tudo isto nada vale, tudo isto é insosso e estupido!... O divino Goëthe zombará de tudo isto! Ás alturas onde o seu sublime espirito paira não chegam os clamores d'esta humanidade grotesca...

Ah! pudesse eu levar-lhe um homem oceanico, um, genuino e de alta cathegoria, mitrado, um peixe-bispo... Vamos andando, amigo Schwartenhals, aliás chegamos de noite e na Saxonia de noite todos os gatos são pardos...» — concluiu sentenciosamente.

Puzemo-nos a caminho sem que o meu companheiro me tornasse a dizer palavra até enxergarmos as altas fortificações de uma cidade extensa.

— «Ali está Weimar» — acudiu elle então — «mas nós não entramos porque o Mestre agora reside no campo...»

—«Meu caro senhor Arnim peço-lhe que não esqueça a visita que devo ao glorioso Herder...»

—«Meu pobre Schwartenhals, Vossê desvaria; na terra onde vive o «grande pagão» nenhuma outra gloria existe... Venha d'ahi...»—rematou desabridamente, puxando por mim com violencia.

Evitando as portas da cidade entrámos a um vastissimo pateo rectangular, plantado de limoeiros, ao fundo do qual se abria, em panno desguarnecido de muralha ameiada, um magnifico portal de

granito verde ladeado por columnas brancas.

—«Voy a buscar el permiso...»—disse-me o companheiro sumindo-se por uma fresta que mal se divisava na base da muralha e logo reappareceu agitando duas bandeirolas de côres e armas castelhanas...

O portal dava para um fundo vestibulo de tres naves e columnas doricas escassamente alumiado, que nós percorremos entre alabardeiros burlescos, por certo mais deformes e torcidos do que raizes de mandragora e passando um lobrego corredor de tecto

muito baixo fomos desembocar n'um terreiro luminoso, lageado a agata, terminando em sacáda toda em roda aberta sobre jardins.

Ao lado esquerdo, arrancando das aguas transparentes de um extensissimo tanque, armava-se uma parede de gigantescas dimensões em architectura rococó, dividida por molduras onde, no capricho louco das volutas multiplicadas infinitamente, corriam grinaldas de flores enredadas á rocalha multicôr; a cada moldura correspondia um amplo nicho forrado de espelhos e abrigando

figuras de grandissimas proporções em porcelana esmaltada que historiavam, por admiraveis grupos, as proezas eroticas do rei do Olympo.

A meio do tanque, n'um indiscriptivel e tumultuoso cortejo de nereidas, tritões e hippocampos, o rapto de Europa em bronze doirado e mettido em transluzente cesta, que a agua espadanada encanastrava engenhosamente. As nereidas tinham as cabelleiras d'agua corrente; as buzinas dos tritões eram de prata e as caudas dos hippocampos imbricadas a madreperola.

O tanque vasava o seu excesso liquido, por cem conchas de cristal de rocha, nas fauces escancaradas de outros tantos monstros de bronze verde, tauxiado e esmaltado: dragões, rhinocerontes, crocodilos, hippopòtamos, mastodontes — toda a fauna medonha e fabulosa — de rastos e solevando nas patas deanteiras os corpos espantosos, até dar as guelas ao incessante jorro de agua que sorviam com horrido estridor.

O terrado ou varanda cujo parapeito representava, a ferro divinamente forjado, séries de

creanças nuas colhendo fructa em generoso pomar, abria, á direita, no leque de uma escadaria de jaspe alabastrino por onde as creanças do parapeito, soltas já, continuavam, descendo, a correr, ou se curvavam para apanhar os fructos cahidos do arvoredo.

Pòr ali se baixava a um recinto atapetado de fina areia côr de minio e repartido em quadros que tinham a cada canto uma immensa magnolia e um cypreste ao centro, na mais rigorosa symetria. Em volta dos cyprestes os assentos de porphyro, septados, offe-

reciam quatro polidos cadeirões a quem quizesse contemplar as airosas fórmas de estatuas brancas, dispostas circularmente, ás quaes o profundo e lustroso sinople da ramagem das magnolias dava todo o relevo.

Pelo contorno d'este recinto passava uma levissima e alta grade, cujo ornamento consistia em fartos festões de rosas de toucar, formando a largos intervallos arcos espaçosos onde começavam as ruas principaes do jardim. Tomámos por uma d'ellas, entre latadas de larangeiras que cresciam em xadrez

de losangos alternadamente coloridos a rôxo, amarello e verde, por cerradas searas de jacintos.

Parámos n'uma clareira de grande circumferencia cercada por majestosos cedros cuja ramagem extendida a grande altura se confundia, formando um ceo de leques brandamente e incessantemente agitados; um repuxo central de liquido perfumado a pulverisar-se na atmosphera augmentava a frescura d'aquelle salão umbroso.

Ao fundo da clareira e ladeada por esphinges de onyx

com feições de prata, uma arcada de verdura: por ali tomámos e nos perdemos em intricadissimo labyrintho. A cada engano correspondia uma estatua de divindade indu ou grupo estranho inspirado em feroz mythologia, quando não era o corpo mal entrevisto de nympha que se esquiva e desapparece, ou o classico Narciso—mas chorando á beira da fonte inquieta que lhe refuga a imagem—ou a Artémis persa de sorriso maguado, ou uma ondulosa Ariadne adormecida, ou a voluptuosa Cypris que se agacha na

agua chapinhando as tumidas tetas. E no circulo final — fechado em espessissimas hortensias atufadas de flores azues e côr de carne — o Hermaphrodita extatico, de immaculado Paros, sobre peanha de lapis-lázuli, levantando em cada mão um cacho de gemmas ardentes onde pareciam debicar dois colossaes pavões formados até meio corpo de oiro brunido e as larguissimas caudas rogeiras entretecidas de flores naturaes — orchideas e lirios — viçosas, creadas e casadas por assombrosa arte...

—«É tempo de procurarmos o Mestre...» — disse o meu guia arrançando-me á absorvente admiração de tanto prodigio e retrocedendo ao salão dos cedros, mettemo-nos por uma ruasinha apertada finda a qual avistámos em cerrado plantio de malvaiscos, eloendros e bordões floridos de nardos e açucenas, as aereas arcadas de um pavilhão arabe, erguendo-se sobre atrio ladrilhado a luzentes azulejos.

—«Ali está o Mestre...»

—«Mas diga-me, senhor Arnim, que fadas são as que cuidam d'este paraizo, visto

não havermos ainda encontrado vivalma?...»

—«Fadas?... Schwartenhals, aqui não ha fadas, ha girasóes; pois quem havia de ser senão os girasóes?...»

—«Os girasóes!?...»—e seguindo o olhar do companheiro que se erguera para o ceo, vi com effeito pairar sobre o jardim, a grandissima altura, innumeraveis pupilas de girasóes inclinados a espreitar por entre a verdura com os seus olhos redondos e ramudos de ciclopes...

—«Repare, repare...; ali está o Mestre...»—repetiu o

companheiro soltando-me novamente da minha estarrecida surpreza...

A um canto do pavilhão — que tambem era forrado a azulejos profundamente translucidos — repousava, reclinado sobre rumas de coxins guarnecidos a vivissimas sedas orientaes, um personagem magestoso, com o desmedido craneo de mago mais limpo do que esphera de marfim, envolto em pulchra tunica de cachemira branca, e fumando n'um cachimbo turco...

Ajoelhado na sua frente o corpo esbelto de uma mulher

vestida de musselina azul salpicada a lantejoila, com duas grossas tranças de cabello loiro soltas pelas costas e na extremidade de cada trança duas andorinhas vivas imitando laços de velludo preto... Esta creatura vaporosa, levantando o braço nu até ao hombro, segurava na mão de um homunculo, cujo tragico semblante, de feições convulsionadas, mais se turvava na moldura movel das madeixas revoltas da sua cabelleira leonina... Ella parecia offerecel-o em holocausto ao deus impassivel do narguilé...

—«Não os conhece?...»—interrogou o companheiro.

—«A mulher das andorinhas que linda que deve ser!...»

—«É a minha Bettina que vem apresentar o Beethoven ao Mestre... Com certeza que estando ella aqui nos não recebe o Mestre hoje...; isso não me faz nada bom cabello... Porque afinal ha já mais de um anno que a não vejo, c'os diabos!... e é a minha mulher!... Além d'isso não estou socegado com estes bonecos na algibeira... As hospedarias, aqui, não inspiram confiança e toda a

Saxonia está inçada de atrevidos ladrões e desavergonhados plagiarios... Olhe se por acaso trago comigo um arcebispo ou cardeal oceanico!... Que risco!... já reparou bem no Mestre?... tal qual o mesmo Jupiter Olympico e á sua similhança perdidinho por saias...; a minha Bettina...»

Mas ouviu-se de repente um melro a assobiar com tanta impertinencia que o meu companheiro estremeceu e parou. Depois, subitamente enfurecido gritava:

—«Onde está elle, onde está elle...»—e cuidando que

o sentia n'um proximo eloendro atirou-lhe um caco de azulejo,

—«Ai que por pouco lhe não dou... Venha outro caco, depressa, senão lá me foge o patife...»

—«Deixe o passarinho...»

—«O passarinho! pois não vê que é o mariola do Heine a troçar da gente... Agora não escapa...»

—«O Heine!... isso é que eu não consinto...»—e agarrando-lhe no braço desviei a pedrada . . . .

. . . .

. . . .

— « Colonia! Colonia! . . . » — bradavam os pregoeiros abrindo estrepitosamente as portinholas dos wagões.

III

Saltei no caes estremunhado e — attonito, ao espalhar a vista pelo estupendo ceo de vidro que rutilava por incommensuraveis arcarias — sem consciencia da realidade, julguei-me sonhando ainda.

Não acabava o altissimo ceo de vidro constellado a globos de fogo que se prolongavam em renques infinitos, golphando torrentes de luz bran-

ca sobre a minha cabeça e tremeluzindo ao longe como fios de estrellinhas dormentes...

No immenso recinto coberto de cristal qualquer ruido avolumava pavorosamente, quando se não deturpava, invocando estranhas e desvairadas imagens; as machinas roncavam mais offegantes e havia redobrada angustia nos silvos que soltavam, repercutidos até final com mais penetrante agudeza. Durante as raras açalmias d'essas vozes obcecantes, a passagem da multidão percorrendo o asphalto empedernido,

levantava echos de exercitos em marcha rolando surdamente pesadissimos canhões...

Á luz inerte, quasi morta, que os potentes foccos electricos desfraldavam como sudarios impalpaveis, a vida desenrolava-se n'aquelle recinto por apparencias phantasmaticas: soavam as sinetas longinquamente com o sonido abafado de sinos repicados no fundo do mar, em aldeias desapparecidas, na fé das balladas, e as barbatanas multicôres dos semaphoricos movendo-se nas espiras de iriados rolos de fumo alvacento, suggeriam

visões de aquario onde evolucionassem inverosimeis peixes de madreperola.

Ao fulgor da gare succedeu a meia obscuridade de uma extensissima crypta, cuja abobada baixa sorvia o chão por mil trombas grossas — columnas de desmedidos capiteis bysantinos; em redor e ao longo das paredes divididas em largas secções iguaes, corriam mezas de marmore polido onde os empregados recebiam volumes das mãos dos passageiros para os metter nos alveolos regulares de um xadrez similhante aos que se veem

pelo interior dos muros nos cemiterios hespanhoes...

Um corredor de traçado sinuoso e provisorio conduziu-me até ás confusas penumbras do atrio descoberto por onde a multidão escoava.

Encontrei-me ao alto de colossal escadaria corcovando na cerração da noite pelo convexo de uma concha cuja curva final se não percebia, mas toda ella salpicada a luzinhas tremulas que pareciam acolchoar o nevoeiro.

Ao lado esquerdo, emergindo de um abysmo de trevas para galgar até extraor-

dinaria altura, arcava-se em serie de costellas o esqueleto de projectada galeria; arcava-se avançando desproporcionadamente a sua medonha ossatura, enclavinhando em partes as extremidades curvas e por vezes prendendo as camadas superiores do nevoeiro para formar esfarrapados doceis...

Desci com a outra gente a escadaria mas tomando-a pelo meio e quando cheguei ao ultimo degrau, já sepultado em nevoa, grande foi a minha surpreza ao perceber que todos os passos de mim fugiam: ouvia-os afastarem-se nos

raios de um circulo imaginario de que eu era o centro....

Sósinho, adeantei-me lentamente pelo nevoeiro que se fazia a mais e mais espesso, envolvendo-me na humida frialdade do seu negrume silencioso...

O desmarcado muro liso de inexplicavel construcção embarga-me o passo; sigo-lhe o contorno: não tem fim...

Alto e nu como a muralha de um baluarte, mas circular como gargalo de phantastico poço, cava-se a largos intervallos de boccas estreitas

onde as trevas mais se condensam...

Recuo, abrindo desmedidamente os olhos, na anciedade de tragar toda aquella mole de escuridão e adivinhar-lhe a fórma...

Dissipa-se quasi o nevoeiro para logo engrossar de novo e eu diviso por momentos o triangulo de uma montanha artificial, cem vezes mais volumosa do que a grande pyramide, a crescer ferreo, temeroso, na obscuridade da atmosphera saturada de crepes funebres...

É certamente a cathedral e

essas boccas lobregas que abrem no muro circular, vedadas por grossa gradaria, correspondem talvez ás escadas por onde se sobe ao adro.

Obstino-me em perscrutar com a vista a opacidade fôfa e impenetravel: canço-me e desisto.

Tomo ao canto da praça por uma rua estreita. Pelos respiradoiros subterraneos de todas as casas, n'essa rua, sahem halitos quentes e rumores de uma vida que se não explica. Espreito. Em volta de profundas amassadei-

ras dobram-se os troncos nus de gigantes ruivos; os braços mergulham em cadencia no bolo brando ao som de singela melopeia, e tudo se illumina por clarões intermittentes de incendios ateados em recessos que a minha vista não alcança.

Ao fim da rua sinto no rosto o bafo arrefecido, a desigual fresquidão peculiar ás margens dos rios, de envolta com o cheiro salobro da vasa levemente agitada. O nevoeiro desfaz-se nas alturas, mas accummula-se, rojando-se, entre os caes, como negra nuvem

feita serpente, em toscos anneis tumidos de trevas...

A tenuissima aragem traz-me tambem effluvios de pomar siciliano; é sem duvida algum carregamento de laranjas e limões que vae subindo o Rheno... Remonto ás provincias do sol, cerrando os olhos que se marejam de lagrimas ao fulminante rebate nostalgico, quando rompe, indisivelmente flebil, o queixume de uma elegia em modulações de flauta, trinadas ao lume d'agua, sob o toldo baixo do tulle escuro da nevoa...

Approximo-me em busca do

debrum do caes e eis que me salta á frente, pavoroso de estatura e de silencio, um cavalleiro de ferro apontando-me ao peito o bico da lança... Estremeço de instinctivo horror, mas reflectindo, logo distingo n'elle a garbosa attitude do gigante regio que eu vira de guarda á celebre «ponte fixa» n'uma illustração antiga...

Pouco senhor dos meus nervos solto uma gargalhada estridula, cujo echo, longe de se perder, parece resurgir e augmentar, regulando o compasso d'esse ruido que para

mim se encaminha no pontilhado diligente de uma curva mathematica... Recrudesce o ruido com mais cadenciado vigor ao apparecimento de centenas de vultos que surgem de um boqueirão tenebrosissimo; luzem galões de uniformes com aereos fulgores rastilhados em laminas curtas; as botas ferradas sapateam brutalmente na calçada e estacam, mesmo á entrada da ponte — emquanto eu me coso com o parapeito do caes — á explosão apocalyptica dos clarins... Manobram e mettem-se á ponte com pasmoso estru-

pido, que decresce gradualmente até se extinguir tamborilado, muito longe, com levezas de dedos infantis...

No emtanto o crepusculo assignala-se preguiçosamente peneirando cinzas quasi prateadas sobre os telhados.

Torno á cathedral. A mole ingente mais se ampliou na minha ausencia mas perdeu, á vaga claridade matutina, a solidez orgulhosa com que se impunha e vencia as trevas. Agora branqueja carcomida por sombras e estofada de penumbras, nos contornos de uma caveira mephistophelica. que in-

vestisse com a immensidade para dissipar a escuridão. As suas torres agudissimas abrem com effeito rasgões tremendos nas profundezas do ceo...

Subo ao adro e procuro entrada ao templo. Tenteando, assómo á nave central cuja amplidão calada exagero. As trevas pesam, cinerareas e quasi palpaveis na base dos pilares que já florescem de luz pallida a excessiva altura...

Os raros lumes das lâmpadas esparsas a esmo, espirrando oiro em levissimos halos bruxoleantes, pontos vãos

de referencia, induzem a calculos abstrusos; as distancias alargam-se inverosimilmente e na incerteza das linhas baralhadas pelo nankim de borrões esphericos, os troços superiores dos mal alumiados pilares suspendem-se no ar, adelgaçando como estalactites.

Eu não sei de certeza se me encontro no interior de um templo ou da gruta de Artá: urgia queimar, aqui dentro, fogos de Bengala...

Mas tambem poderia ser a clareira de uma floresta, no outono, quando a aurora transluz pela folhagem mati-

zada com estes rubores que vibram agora aqui nos pannos dos vitraes.

Oiço passadas cuja resonancia me restitue á exacta consciencia da verdade: estou na cathedral de Colonia e essas estrellas que brilham, longe, como que presas em larguissimos pannos de purpura negra, são velas accesas por estonteados sacristães para acudir ao exercicio do culto catholico... Nenhum encanto me aguarda, talvez, para quando chegar aqui dentro, a este mysterio, a luz do dia, e talvez que esse oiro que

acorda brandamente em curvas de caprichosos arabescos, á entrada das capellas, denuncie ornamentações fastidiosas ás quaes melhor será poupar a vista e a alma...

Sinto-me arrefecer ao temor de que se realise a ESPIRITUOSA presumpção da minha Christina: A cathedral de Colonia do João Maria Farina...

A claridade vae augmentando e já invade o portico junto ao qual eu passo. Saio da egreja. Na minha frente leio em letras de satisfatorias dimensões o nome de um hotel; para lá me encaminho

sem hesitação. Peço quarto, deito-me e adormeço. Acordo depois do meio dia para comer e dormir novamente. Á noite levanto-me e metto-me no comboio de Anvers reflectindo:

« Colonia está vista; não estraguemos as impressões da noite passada!...»

Nota indispensavel á boa comprehensão de tudo quanto se acha exarado na precedente «historia phantastica, philosophica e symphonica»...

ACONTECEU uma vez que ao escrever um livro de muita polpa sobre «Londres» lhe introduzi um capitulo ácerca dos pobres da minha terra. O tal capitulo abonava por desinvoluções pittorescas os horrores da miseria assoalhada para rematar com a visão da miseria enregelada sob a fór-

ma de um mendigo cruzado em «Piccadilly» no momento preciso — cheio de voluptuosa acidez — em que, recompensando-me os galanteios, certa hetaïra desejada me tomava o braço, e me outorgava a posse exclusiva das suas perfeições e caricias até ao dia seguinte...

Enviei as paginas eivadas de gangrena social ao meu mais dilecto amigo — litterato insigne e artista desmarcado na envergadura, embora a «Vernaculidade» o rechasse — que se propunha encetar a publicação de uma revista.

Por motivos que não são para aqui, o primeiro numero da revista, já composto e em parte paginado, não sahiu a lume mas serviu de pretexto a que o meu amigo me admoestasse magistralmente, tomando para thema esta minha obscuridade e ausencia de connexão, frequentes em todos os meus escriptos mas flagrantes sobretudo nas paginas que lhe enviara. Além de reparar no escandaloso apparecimento de «pobres portuguezes» em livro de assumpto inglez, verberava aquella visão de «Piccadilly» para a qual o

leitor não estava — e effectivamente não estava — preparado por anteriores esclarecimentos. E ungido de infallivel autoridade accrescentou, mais sentencioso talvez do que convinha:

— «Menino, é preciso que o publico entenda aquillo que vossemecê escreve...»

Tendo isto presente e lembrando-me que talvez este conto venha a ser um conto «para o publico» parece-me bem observar que as ameixas comidas em sonho não foram de invenção minha. Referem todos os chronistas dignos de

fé — com a unanimidade que eu desejaria vêr incidir em intricados problemas historicos de irreductivel magnitude, *verbi-gratia* o da papisa Joanna, — referem todos os chronistas dignos de fé, repito, que no tempo do Goëthe os campos entre Iena e Weimar abundavam em ameixeiras muito bem cultivadas...

É tambem igualmente notorio que durante a dictadura d'aquelle incomparavel poeta e garanhão, se publicou um livro de canções populares devido á penna indefessa dos nossos collegas... — olha o dis-

parate! — devido á collaboração dos solertes compiladores Clemente Brentano e Luiz Achim d'Arnim sob o titulo de «O menino da trompa maravilhosa». Ahi figura o meu «Schwartenhals» no qual eu encarno sem protesto — mesmo nos desvarios somnambulescos ninguem gosta de fazer má figura — o que o leitor perspicaz levará certamente em conta, reservando-me a sua indulgencia para quando as minhas petulancias o estimulem...

Esse Achim d'Arnim que na indole phantastica se emparelha aos Hoffmann, aos Poe

e aos Bertrand, escreveu entre outros livros saborosos o romance «Izabel do Egypto» onde vivem os personagens por mim reduzidos a bonecos... A romanesca Bettina era sua legitima esposa o que a não estorvava de se empenhar em missões de alta responsabilidade esthetica e risco matrimonial. Foi assim que ella emprehendeu approximar o Goëthe do Beethoven e explicar áquelle o genio d'este. Mas infructuosamente pois o luminoso Mestre temia ainda mais o genio do que as mesmas trevas...

E talvez que a repulsa no presente caso não fosse meramente por lhe fazerem sombra os merecimentos do compositor, mas por incapacidade real, ingenita, da sua comprehensão.

Mais tarde, morto já o autor do «Fidelio» a audição da sua musica — e interpretada pelo Mendelsshon! — dava ainda o mesmissimo resultado.

Conta o Mendelsshon em uma das suas cartas:

«Todas as manhãs toco ao piano durante uma hora trechos de diversos compositores celebres, por ordem

chronologica, explicando-lhe *(ao Goëthe)* como elles concorreram para o desenvolvimento da sua arte. Durante esse tempo permanece sentado a um canto, sombrio qual Jupiter Tonante e despedindo chispas do olhar... Recusava-se absolutamente a tragar o Beethoven e como eu lhe executasse o começo da symphonia em dó menor bem estranha foi por certo a impressão que experimentou. Primeiro disse: — Mas isto só produz espanto e não commove: é grandioso!....— murmurou mais algumas palavras

inintelligiveis e apoz longa pausa recomeçou: — É grandioso e atordoa. Dir-se-hia que se desmorona a casa. O que succederia se toda a gente junta se puzesse a tocar isso?...»

Eu supponho que se o leitor, dadas todas estas explicações, não entendeu o meu conto com todo o seu claro symbolismo, é porque é irremediavelmente obtuso para a musica; mas consola-se louvando-se no Goëthe e todos ficamos contentes...

Para concluir, e no intuito de conciliar a benevolencia de

certos puristas puritanos, confessarei que a excitação do Mosella não desculpa a extravagancia de outorgar á *raça* allemã o impproprissimo attributo de *douta*... Mas a extravagancia é postiça pois eu quiz significar propositada e ponderadamente que na raça allemã os meninos das successivas gerações veem ao mundo logo dispostos para a sabedoria — quem desvendará nunca os mysterios do atavismo? — e, em concorrencia á cicatriz herdada de seu pae por Pico de Mirandola, trazem estampado nos tenrissi-

mos cerebros. uns a syntaxe grega, outros os prolegomonos da Ethica, outros a «carta adorada», phenomenos ainda assim de pouca monta comparados á indiscutivel força transmissora das hierarchias militares em certas familias privilegiadas, nas quaes os meninos assomam ás vulvas maternas graduados pelo menos de sargentos e tão previdente lhes é a Providencia que muitas vezes para alcançar melhor effeito, em certas sahidas de pelve, trazem as divisas pegadas ás nadegasinhas...



AGOSTO AZUL

VAMOS visitar a esquadra ingleza do Mediterraneo que ancorou hontem na bahia de Lagos.

Chego ao caes muito antes de nascer o sol, quando o crepusculo se annuncia por subitas opacidades que tisnam o ceo absorvendo momentaneamente o brilho das estrellas.

A agua cuspinha nas pedras do embarcadoiro sob a

tenda de trevas que o encobre e a meio do rio, ao sabor da sua corrente de tinta negra, serpeia uma oleosa, fugitiva esteira de luzentes reflexos.

Mas depressa bafeja a subtil aragem matutina...

Pelo azul noturno do remotissimo ceo alargam-se claridades de vidro que um fôrro de panno escuro espelhasse...

O silencio amodorra-se mollemente perturbado pela respiração rythmica do mar, que mal sôa distante, espaçada e funda...

Os barqueiros juntam-se ca-

lados e aprestam o bote sem trocar palavra; os baques seccos dos pés descalços no ôco dos panneiros retumbam singularmente cavos.

Já todos estão a postos e um d'elles exclama: — «Prompto!» — com o tom de voz longinqua e apagada.

Embarco.

Os quatro remos chapinham, em monotona cadencia, na agua ferida de phosphorescencias breves...

Seguimos contra a maré, cerce á linha curva do dique; gemem penosamente os remos nos toletes; mas os

barqueiros remam rijo e em poucos minutos tocamos no «Convento» onde o meu companheiro de passeio aguarda. É um catalão agigantado cujo peso lastra convenientemente o bote.

Vogamos de novo.

Á «Ponta da Areia» já reluzem mais trémulas as estrellas pelo ceo que esfria; a leste a linha do horisonte alveja e endurece, entre sombras fôfas, como o tubo polido de farta pluma cinzenta...

Logo as sombras ruborescem apertadas em rede prateada.

Aproamos á barra.

Os catraeiros remam silenciosos ou fallam baixinho para não trilhar a paz serenissima da manhã...

Já haurimos a frescura da amplidão salgada...

O mar marulha brandamente nas restingas da barra que nós transpomos sem ondulação sensivel.

Vamos rente com a praia que não vêmos, mas percebemos-lhe os recortes traçados na obscuridade pelas curvas sonoras da onda que se alastra preguiçosamente na areia molhada.

O bote resvala sereno sobre a lisa superficie do mar inerte.

Por cima dos alcantis da costa progride a alvorada; cinge-se o ceo de faixas d'oiro côr de limão golpeadas a carmim e o mar dilata-se infinitamente quando rebenta a luz do sol, jorrando fogo como se por detraz do ceo tudo fosse metal fundido...

Dão-me no peito nu os primeiros raios do sol, que eu esperava erguido á prôa do bote, e atiro-me á agua onde mergulho de olhos abertos, em voluptuoso torvelinho

de prata lactescente. Tenho a illusão de uma possivel metamorphose, seguindo sem esforço o rastilho escumoso do bote, com arrancos de golfinho, pelo lençol da agua esverdinhada onde todo o meu corpo se imbebe de fresquidão...

Mas o sol aquece: os barqueiros já limpam as testas que escorrem em bagas de suor.

Visto-me.

O casario de Lagos, ao fundo da bahia, vae perdendo a sua liquida brancura de cal derramada e os navios

de guerra, até ali meras sombras, surgem da agua mocissos, disformes, desarvorados, como leixões providos de artilheria.

Mais de perto, quando se evidenceia, irrefragavel, a sua estructura fluctuante e os vêmos cheios de rigidos vultos negros, suggerem a ideia de um exodo de gigantes convertidos em franciscanos, que aguardam immoveis, engolfados nos capuzes de ferro, o signal do desembarque.

Mas a bordo dos couraçados não andam monges: é a agglomeração dos ventiladores

colossaes em volta das chaminés que nos excita a phantasia...

Approximamo-nos.

É a hora do banho para a marinhagem que se apinha nos castellos da prôa ou já se balouça em cachos de baralhadas fórmas nuas nas cordas suspensas dos paus de surriola.

Jogam-se á agua, muitos com saltos de acrobatas, e uma chusma d'elles cerca-nos o bote lançando-lhe as mãos á borda, como se o quizessem tomar de assalto.

É uma scena rara.

A um marujo ruivo, com o torneado arcabouço de pião, que assomára ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sofrego e sem geito, com dois - fios de purpura a fugirem-lhe das commissuras dos labios até encherem as conchas em que se lhe ageita a carne no vão das claviculas.

Outros querem tambem beber.

Para despachar o meu companheiro abre garrafas de cerveja e vae-os servindo a dois e dois mettendo-lhes os gar-

galos pelas boccas escancaradas.

Eu digo aos catraeiros que tirem fructa das canastras bem providas que levávamos e lha dêem a comer.

O quadro toma tintas de exultante paganismo: aquelles corpos nus emergindo da agua; as serpentes nodosas de tantos braços brancos agitando-se sobre as bordas do bote e á altura d'aquelles rostos humidos, de expressão risonha e gulosa, as nossas mãos cheias de fructas, com os figos brandos, os pendentes racimos d'uvas, as pêras lou-

ras e as rubras talhadas de melancia a desfazerem-se em sumo de encontro ás faces imberbes...

Alguns aboccam, arrepanhando brutalmente os fructos, com o geito comico de cães esfaimados; aquelle chupa demoradamente uma laranja furada; na testa d'outro esborracha-se um figo inchario...

Mas todos agradecem com olhos de encanto o maná perfumado d'esta nossa terra de promissão...

Tanto se carrega o bote de gente que lhe começa a entrar agua dentro; nós nem

damos por tal, tão absortos e azafamados na divertida tarefa. Sôa a bordo dos couraçados o toque de recolher a tempo de nos poupar ao forçado banho... Afasta-se a marujama em cardume, voltando de quando em quando as cabeças para clamar unisona as derradeiras saudações...

É hora d'almoço mas temos de renunciar ao abrigo relativamente fresco do nosso toldo branco para ir a terra refazer as provisões pouco menos de exhaustas...

O calor aperta desproposita-

damente e quasi nos fazem compaixão os soldados inglezes que encontramos pela cidade e cujas caras de baetão vermelho mal se differençam da côr das suas jaquetas.

Demoramo-nos até meio-dia e como nos avisem de que a bordo não recebem visitas antes das duas horas procuramos matar o tempo em terra.

Lembro-me de uma sesta dormida á sombra dos rochedos, na areia secca da praia, e sahimos da cidade em busca de local apropriado.

A costa fragosa cáva-se em

serie de calhetas cylindricas que não communicam entre si e formam bacias naturaes aproveitadas pelos banhistas.

Áquella hora de folga tudo está repleto. Bandos ruidosos de operarios, em cujos corpos macilentos a vida encerrada das fabricas pôz o inconfundivel sello, occupam as primeiras angras; n'outras, a seguir, os rapazes do campo, solidos e lestos mas medrosos, lavam-se á babugem das ondas e veem seccar os corpos rolando-se na areia assoalhada para voltar de novo á agua; alguns mais arrojados

e destros nadam pelo mar fóra soltando gritos agudos. Finalmente topamos n'uma enseada distante com dois escaleres da armada que diversos marinheiros nus enchem de areia. São marujos maltezes, de pelle baça e modelados como hercules: os mesmos corpos de possantissimos escravos que as gravuras antigas punham a remar nas galés do «Grão Turco». Era placidamente heroico o espectaculo dos seus trigueiros corpos athleticos, que se bronzeavam á sombra lavados nas quentes reverberações da luz,

a moverem-se, leves, pela praia fóra, insensiveis ao peso enorme das canastras de faia que transportavam á cabeça, coguladas de areia secca.

Passou a hora da sesta e é tempo de tornar ao bote e á esquadra.

Os fornecedores de bordo offerecem-se para nos conduzir ao «Revenge» mas ali recebem-nos de má vontade e pela escada de bombordo. Pergunto se o navio almirante admitte visitas e para lá me dirijo mau grado a resposta negativa que obtenho a bordo do «Revenge».

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito á sentinella que preciso fallar ao official de serviço.

Sem demora o official apparece, rosado e glabro, no seu immaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniaticamente, a inquirir o que desejo.

— «Desejo visitar o barco mas não subo pela escada de bombordo...»

O official sorri e fixa-me com curiosidade. Vae consultar o seu superior. Volta. Podemos subir mas sómente

eu e o meu companheiro. Á gente dos outros botes que nos seguiram é negado o accesso.

Surtiu o seu effeito a pequenina scena de snobismo a que a alma britanica é tão sensivel. O official, muito amavel, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingenua» para nos pilotar. A visita é monotona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

Os couraçados dão-me a uniforme impressão de uma vida exclusivamente mechanica, trabalhando por engrenagens

de ferro, mas sem a alegria da fabrica cuja alma se apprehende no movimento aereo dos transmissores; a bordo dos couraçados escasseia o espaço e falta o ar á tripulação que até parece ali de mais, n'aquella clausura blindada. Tudo é brutal, hirto, captivo. Nem uma unica inflexão de corda solta ao capricho do vento, nem a alegria d'uma vela que trapeje, nem a esperança d'uma taboa de salvação na tragedia dos naufragios.

Sente-se que um segundo bastará ao mar para engulir

toda aquella mole metallica. A casca de noz do simples batel infunde-me mais confiança.

O nosso entendido e diligente guia mostra-nos o manejo dos canhões monstruosos, das peças de tiro rapido, e dos torpedos feitos á feição de esqualos e pergunta-nos, baixando pudicamente os olhos, se as raparigas portuguezas são bonitas.

O primeiro signal de vida palpitante a bordo do immane couraçado percebemol-o n'esta pergunta espremida a custo e á qual a timidez com que é

feita dá um sentido ardente...

E não resta duvida; afóra o perpetuo grito da cruz escarlate na bandeira desfraldada, tudo, n'aquelle recinto, se resente da impenetrabilidade do aço: miragens da existencia livre e escumas da onda inquieta morrem desfeitas nas chapas inflexiveis que lhe revestem o costado...

De uma das pontes observamos os marinheiros que descançam no castello da prôa: ali mesmo a animação é nulla. Conversam a meia voz. Reconhecemos alguns dos

que regalaramos de manhã com fructa e vinho; agora olham-nos quasi a medo.

Um d'elles, ajoelhado, acorda o companheiro que dorme, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe nos labios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maçã e sorriem amorosamente. É o melancholico idylio das camaradagens maritimas: os dois córam como donzellas ao surprehender a curiosidade sagaz com que os espiamos...

Descemos ao bote e damos ordem para o regresso recom-

mendando aos catraeiros que remem devagar.

É tão activa a reverberação do sol na superficie da agua que julgamos vogar entre sargaços de fogo.

O calor suffoca e dos corpos dos barqueiros escorre o suor em tal abundancia que faz poças nos panneiros.

Nós abrazamos tambem, mesmo debaixo do toldo branco.

—«Se houvesse aqui perto alguma praia com sombra iamos para lá esperar o pôr do sol...»—digo eu já insoffrido.

—«Passados «Os tres irmãos d'Alvor»—são tres leixões agudos que avistamos cerca—na «ponta de João d'Ourem» ha umas praiasinhas mas não valem nada...; só na baixa-mar é que ficam a descoberto...»

—«Vamos lá já...»

A «ponta de João d'Ourem» é um montão de rochas a crescer pelo mar dentro e visivel em toda a linha da costa desde a «ponta do Altar» até á «ponta da Piedade».

Rochedos amontoados brutamente dando um perfil tu-

multuoso e aspero, com luzernas de ceo e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos.

Ao pé, esses penedos separam-se em labyrintho de leixões semeados no mar, a esmo, levando por sinuosos canaes sombreados aos pequenos refugios da costa. As rochas levantam-se desigualmente: algumas afloram ou assomam os tenebrosos cabeços vincados por parallelas de gumes á mais leve ondulação do mar; outros abrem-se em arcos franjados d'algas verdes ou aguçam-se

em pontas carcomidas; finalmente, dois ou tres muito altos e cylindricos erguem-se da agua transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas, ennegrecidas e humidas até onde lhes bate a agua, mas os remates, brunidos pelo vento e amarellecidos ao sol, tão seccos e lisos como se fossem de marfim.

O bote acolhe-se ao umbroso remanso de uma gruta baixa, d'onde nós alcançamos terra saltando, descalços, ao lume d'agua sobre cachopos escorregadios.

Achamos praia d'areia secca mas quasi toda no perimetro d'um fôjo immenso cujo incessante esboroamento tornaria a nossa demora, ali, arriscada.

Resolvemos passar o resto da tarde dentro d'agua. O meu gigantesco e obeso companheiro despe-se e fica sentado n'uma pedra, com agua pela cintura, a chapinhar as polpas do tronco que se ordenam em roscas vermelhas, todas subordinadas ao aninho do umbigo, como a animada estatua de um Budha de raça loira.

Eu nado á aventura por entre os rochedos, na afagosa sensação da fluidez que embala, explorando furnas lobregas, onde a carne mal se esquiva ao contacto das pedras que anavalham, e mergulhando d'olhos abertos para atravessar buracos de rochas submersas, cujas boccas oscillam, recuando ou adeantando-se, ora ampliadas ora sumidas, pelas glaucas profundezas da agua agitada.

O corpo estremece-me no silencio das sombras onde a agua estagna gelada e crystalina e d'ahi foge, arripiado,

coando-se pela agua amornecida das passagens assoalhadas, com os membros laxos de quem fluctua, inerte, ao sabor de uma preguiçosa corrente de frouxeis de arminhos.

Ando n'isto duas horas ou mais quando enxergo, em cima de uma larga pedra rasa e rente com o mar, um pescador de canna que se esforça inutilmente por tirar a linha da agua. O corpo dobra-se-lhe em arco perfeito, tal é a violencia com que forceja por soltar a linha, e cahe, assim dobrado, de cos-

tas, quando subitamente o peixe que a prendia salta fóra d'agua e lhe vem bater no peito. É um grandissimo congro a descrever arabescos prateados por entre os membros do pescador que o tenta sujeitar com o peso do corpo. Mas o peixe viscoso colleia, enfurecido, resvalando pela carne nua e ambos ficam a escabujar sobre a rocha limosa.

Com o meu auxilio doma-se o monstro e é então que eu reconheço a custo, na elegancia da sua nudez de adolescente, o pescador, um garoto,

grande traquinas, a quem por pedido dos paes eu diligenciara debalde metter na escola de marinheiros.

Ia-me elle contando as peripecias da sua pesca, mas de repente pára e aponta para uma furna distante, visivel pelas frinchas que a perspectiva das rochas abre ao acaso: dentro estão duas mulheres sentadas, dobrando os chales com geito de quem se vae despir.

O rapaz não as conhece e observa:

—«Devem ser do campo e pensam que ninguem as

vê...; a apostar que se vão despir e que a gente as vê nusinhas...»

—«Deixa-as lá...»

Despem-se com effeito, entre risos que mal ouvimos. Ambas são trigueiras comquanto mostrem nos braços uma alvura que os rostos não faziam suspeitar. Differem consideravelmente na edade. A uma d'ellas alteia-lhe a camisa no peito com exuberancias d'amojo e na outra cahe em pregas pelo gracil corpinho abaixo. Riem; riem muito, a porfiar qual d'ellas ha de primeiro despir a ca-

misa. É a mais nova que se decide: mostra no torneado tronco dois meios limões agudos onde a outra põe logo os labios; depois esta abre tambem a camisa, soltando os tumidos seios maduros que a outra apalpa. Recrudescem os risos...

Mas esta scena dura apenas momentos porque ellas logo enfiam as saias brancas pela cabeça, perscrutando medrosas com a vista, em redor, e, erguendo-se, desapparecem por detraz das rochas.

Reparo no pescador; vejo-o de braços estendidos e as

mãos abertas na attitude de quem pede silencio, os olhos chammejantes e o sexo arrebitado: é o fauno pubere prestes a atirar-se á nympha incauta que elle espreitou e quer violar...

Volto adonde o meu companheiro a quem encontro ainda na mesma postura, chapinhando o tronco já desafogueado e branco de cré.

Embarcamos.

O calor abateu com o declinar do sol que desapparece precisamente quando aproamos á barra.

Como se extingue o bra-

zeiro no vasto disco de bronze amarello assim se afogou o sol em cinzas ao resvalar no polido oiro pallido do ceo.

Descobre-se a curva inteira da bahia; mas a atmosphera perde a sua jubilosa limpidez, satura-se de humidade que a repassa de tons setineos e esfuma-se a poente de puidas cambraias arroxadas.

A superficie do mar imbebe-se de violeta, nas restingas da barra a agua rola espumas de arco-iris.

O ar arrefece sem que ba-

feje o mais tenue sopro de aragem.

Passamos a barra.

Á esquerda sombreia a duna extensa com o seu perfeito contorno de cicloide desenhado n'um fio de lume sobre o fundo azul-verdoso dos campos.

A luz parece morrer n'uma atonia de perola sem brilho; mas á revivescencia do crepusculo forra-se inesperadamente o horisonte de purpureo damasco escuro lavrado a fogo.

N'esse plano ardente as altas serras do Algarve que

fecham a bacia do rio, ampliam-se e endurecem tornadas em massiço vidro fosco.

A noite cresce do oriente com azas tenebrosas de morcego; esvae-se o crepusculo e a escuridão cristalisa...

São aguas vivas: a corrente do rio apertada na vasante entre a corôa d'areia que o vae açoriando e a curva do dique é difficil de vencer; os catraeiros remam trabalhosamente, com dolorosos rangidos nos toletes a que estremecem as taboas do bote.

Já se avisinha a villa; o casario distingue-se mal, par-

dacento, aos laivos, feito a retalhos de papel furado por luzes cujos trémulos reflexos penetram profundamente no coração da agua.

Suspiram as estrellas no cristal negro do ceo...

É já noite cerrada quando atracamos ao çaes e ao baque do bote dando nas pedras do embarcadoiro, a mesma voz da manhã, soando longinqua e apagada, repetiu:

— «Prompto» ...

INDICE